

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Ivete Simionatto..... 15

INTRODUÇÃO

Marilda Villela Yamamoto e Cláudia Mônica dos Santos..... 25

PARTE I

O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, memória e desdobramentos

Brasil

CAPÍTULO 1 ■ Aproximações à tradição marxista no projeto da Escola de Serviço Social de Belo Horizonte: problematizações necessárias.

Maria Rosângela Batistoni 71

CAPÍTULO 2 ■ O reformismo reconceituador entre a articulação latino-americana e a renovação do Serviço Social brasileiro

Graziela Scheffer, Thaisa Teixeira Closs, Inez Rocha Zacarias e Jessica Flores Mizoguchi..... 95

CAPÍTULO 3 ■ A participação do CBCISS no movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina e suas expressões internacionais: a relação com a ONU	
<i>Isaura Gomes de Carvalho Aquino</i>	119

Argentina

CAPÍTULO 4 ■ Tendências teórico-políticas no Serviço Social argentino nas décadas de 1960-1970: a Reconceituação em debate	
<i>Carina Berta Moljo, Margarita Rozas Pagaza, José Fernando Siqueira da Silva e Roberto Orlando Zampani</i>	135

CAPÍTULO 5 ■ O Trabalho Social argentino nas universidades, nas ruas, nas villas e sindicatos: reconceitualizando sua história	
<i>Kátia Marro, Maria Lúcia Duriguetto, Alexander Panez, Víctor Orellana Bravo</i>	157

Chile

CAPÍTULO 6 ■ Reconceituação e projeto emancipatório na Universidade Católica de Valparaíso	
<i>Leticia Beatriz Arancibia Martínez, Daniela Alejandra Calderón Díaz</i>	177

Colômbia

CAPÍTULO 7 ■ O processo de modernização do Serviço Social na Colômbia: determinantes histórico-sociais	
<i>Sergio Quintero Londoño</i>	195

A articulação latino-americana em Serviço Social: raízes e atualidade

CAPÍTULO 8 ■ A pesquisa científica no Serviço Social latino-americano: gênese e atualidade

Marilda Villela Yamamoto, Raquel Raichelis, Maria Inês Souza Bravo.. 219

CAPÍTULO 9 ■ As organizações profissionais de defesa do Serviço Social na América Latina e no Caribe

Esther Luíza de Souza Lemos, Maurílio Castro de Matos, Sâmya Rodrigues Ramos 245

CAPÍTULO 10 ■ Preparando a “Virada”: a contribuição do CELATS no redimensionamento da organização e formação profissional do Serviço Social brasileiro

Maria Helena Elpídio 271

PARTE II

O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina: interlocuções internacionais

Espanha

CAPÍTULO 11 ■ Revisitando o passado com vista ao presente: lutas sociais e Trabajo Social na Espanha nas décadas de 1960-1980

Rosana Matos Silveira, Miguel Ángel Oliver Perelló, Virgínia Alves Carrara 297

Portugal

CAPÍTULO 12 ■ Desenvolvimento Comunitário em Portugal nos anos 1960: que participação e significado do Serviço Social português?

Maria Emília Freitas Ferreira..... 319

CAPÍTULO 13 ■ Processo de renovação do Serviço Social português nos anos 1970 na perspectiva histórico-crítica

Alcina Maria de Castro Martins..... 345

Reino Unido

CAPÍTULO 14 ■ Serviço Social radical: a experiência do Reino Unido no transcurso dos anos 1970 a 1980

Antoniana Dias Defilippo Bigogno..... 367

Estados Unidos

CAPÍTULO 15 ■ Serviço Social radical nos Estados Unidos (1960-1980): fundamentos históricos e teórico-políticos

Alexandra A. L. T. S. Eiras, Cláudia Mônica dos Santos, Maria Carmelita Yazbek 391

PARTE III

A imagem na pesquisa

CAPÍTULO 16 ■ Imagem, pesquisa e memória

Elziane Dourado (Ziza D.)..... 421

A PESQUISA EM IMAGENS 441

- Site da pesquisa “O movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, relações internacionais e memória”
 - Alexandra A.L.T.S. Eiras; Clara L. Corrêa Olimppio e Gabriele Rufino (Orgs.)

Filmes

- Longa-metragem: “Tempos da memória: Serviço Social na América Latina, história e interlocuções internacionais”
 - Ziza Dourado (Ziza D.) (Prod./Rot./Dir.) e Francis Ivanovich Mont./ Áudio/Imagem)

Curtas

- Seminário Internacional – UERJ
- Seminário Internacional –UFJF
 - Ziza Dourado (Prod./Rot./Dir.) e Francis Ivanovich (Mont./Áudio/Imagem)

POSFÁCIO

Diálogos com Roberto Rodríguez	443
Diálogos com Leila Lima Santos	453

EPÍLOGO

Mobilizar as armas da crítica para que elas continuem
pujantes e afiadas

<i>Elaine Rossetti Behring</i>	455
--------------------------------------	-----

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)	479
---------------------------------------	-----

PREFÁCIO

*Instruí-vos, porque precisamos da vossa inteligência.
Agitai-vos, porque precisamos do vosso entusiasmo.
Organizai-vos, porque carecemos de toda a vossa força!*

Antonio Gramsci (1919)

O Movimento de Reconceituação do Serviço Social constituiu-se, sem dúvida, num dos momentos mais relevantes de revisão crítica da profissão no continente latino-americano. Compreendê-lo em sua totalidade, seu conteúdo e sua processualidade histórica é também recuperar sua permanente atualidade. É justamente essa perspectiva da totalidade e da historicidade que conduz a tessitura desta magnífica obra *A história pelo avesso. A reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*, concebida e organizada pelas professoras Marilda Villela Iamamoto e Cláudia Mônica dos Santos.

Tarefa de vulto, fruto de um rigoroso trabalho de pesquisa, tendo como eixo central *O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, interlocuções internacionais e memória (1960-1980)*, ela envolveu uma rede de pesquisadores de alto nível nas esferas nacional e internacional, congregando, nas palavras de Dourado, no capítulo XVI, “diferentes gerações, gêneros, culturas e territórios”, estudantes de graduação e de pós-graduação articulados

em torno de uma vontade coletiva voltada a pensar “o Serviço Social historicamente”. A escolha teórico-metodológica, radicalmente ancorada à perspectiva histórico-crítica, permite situar o Serviço Social em seu permanente movimento de conservação/superação e, como nos lembram as organizadoras na Introdução, citando Florestan Fernandes, na “história em processo, aberta ao vir a ser”. A história coloca-se aqui como resultado da práxis social, um dos princípios fundamentais do método marxista. Compreender o Serviço Social sob tal ótica significa ultrapassar os muros internos que o aprisionam, impregnando-o de história, lançando luzes para situá-lo na sociedade contemporânea como produto e expressão das determinações econômicas, sociais, políticas e culturais e de suas manifestações na particularidade de cada país.

Conforme asseveram as organizadoras, o intento da obra é claro: pensar o Serviço Social “dentro da história”, e não apresentar “uma história do Serviço Social” ou tão somente localizá-lo no tempo histórico. Cuidadosamente estruturada, sua contribuição expressa-se em pelo menos quatro grandes direções: na ampliação do debate crítico sobre os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social, a partir das concepções hauridas do movimento reconceituador e de sua incidência na formação e no exercício profissionais; na abertura de novos caminhos para a interlocução continental e internacional nos âmbitos da formação acadêmica, do fomento à pesquisa e da produção de conhecimentos; no resgate do legado teórico e político do Movimento, evidenciando a imprescindível relação entre o Serviço Social, as lutas e práticas sociais das classes subalternas; e, finalmente, no estímulo ao debate sobre a atualidade da tradição marxista na construção de resistências e no enfrentamento ao conservadorismo, que hoje reaparece em novas vestes e grassa em todos os setores profissionais. Embora não se verifique uma hegemonia profissional alicerçada na perspectiva marxista nos contributos aqui apresentados, a pesquisa abre fecundas trilhas ao alargamento dessa discussão, mirando a construção de alternativas progressistas

e emancipatórias frente aos desafios postos pela profunda regressão social que vivemos em escala planetária. Os suportes da tradição marxista assumidos nesta obra não impedem, contudo, o diálogo plural e respeitoso com outras tendências teóricas progressistas e de cunho libertário.

A compreensão do Serviço Social em sua dimensão de universalidade permite conhecer as diferentes trajetórias profissionais em distintas realidades, abarcando, para além da América Latina, as iniciativas contestatórias vivenciadas em países de outros continentes, sem descurar das especificidades nacionais e/ou regionais, de suas características socioeconômicas, políticas e culturais. Organizada em três partes, a obra aborda, primeiramente, o movimento reconceituador nos países latino-americanos, em suas temporalidades, desdobramentos, continuidades e rupturas, percorrendo experiências vividas no Brasil, na Argentina, no Chile e na Colômbia; as tendências teórico-políticas e ideológicas; a contestação ao tradicionalismo profissional, evidenciando os vínculos da profissão em termos de práxis política. Tempo, memória e história confluem no resgate do papel protagônico do *Centro Latinoamericano de Trabajo Social* (CELATS) no fomento à pesquisa, na articulação acadêmico-profissional e no processo organizativo das(os) assistentes sociais na América Latina e no Caribe.

A segunda parte dedica-se às interlocuções da Reconceituação do Serviço Social latino-americano, com iniciativas similares desencadeadas em Portugal, na Espanha, no Reino Unido e na América do Norte, destacando-se o engajamento acadêmico e político-social dos profissionais na particularidade de cada país. Detém-se tanto nas experiências que, de algum modo, receberam seus influxos, quanto nas ações e iniciativas exógenas contemporâneas, a exemplo do Serviço Social Radical de raiz anglo-saxônica e/ou norte-americana, pouco conhecidas em nosso continente. No Reino Unido e na América do Norte, as proposições do Serviço Social Radical, cujas bases teóricas alinham-se à perspectiva crítico-dialética, evidenciam as preocupações

com a formação de uma cultura profissional pautada no compromisso ético-político com as lutas da classe trabalhadora. As interlocuções e trocas com essas experiências revigora o debate científico e político do Serviço Social, ultrapassa seus contextos, expõe seus dilemas e potencialidades na construção de “resistências política e acadêmico-profissional em aliança com os segmentos subalternos”, como afirmam as organizadoras na Introdução deste livro.

Além do rigor teórico e metodológico que conduz a pesquisa e o cuidado com as fontes documentais, a terceira parte do livro — “A imagem na pesquisa” — nos brinda com um filme longa metragem e dois clipes, trazendo o registro visual do processo de pesquisa. A imagem cinematográfica dá vida, como aponta Dourado, mais uma vez no capítulo XVI, “à luta política dos assistentes sociais latino-americanos”, protagonistas do Movimento de Reconceitualização e “do trabalho político-coletivo de mulheres e homens que entrelaçaram suas vidas pessoais à política” na construção de um “projeto crítico” que revolucionou as bases do Serviço Social na América Latina, cuja herança cultural perdura até os dias atuais.

Este livro inaugura, portanto, uma pesquisa inédita, de inigualável significado para a compreensão da diversidade e da unidade do Serviço Social no mundo; para as condições históricas e particulares em que se desenvolveu na América Latina e em outros países; para sua relação com as classes sociais e com o Estado e as respostas construídas às expressões da “questão social” em suas conjunturas específicas, assim como para a tenacidade dos profissionais no enfrentamento às bases conservadoras e ao tradicionalismo profissional presentes desde a sua emergência. As experiências apresentadas e rigorosamente analisadas permitem conhecer, nos países estudados, a vinculação do Serviço Social às lutas das classes subalternas, através de segmentos estudantis, acadêmicos e profissionais, sua participação nos processos de mobilização e de organização popular, a articulação com movimentos sindicais classistas, movimentos sociais e contestatórios em suas diferentes expressões, reafirmando a necessária e imprescindível

relação entre a profissão e as lutas de classe. Não escapam à pesquisa os processos de organização política de assistentes sociais e os veículos construídos no âmbito da formação e socialização do conhecimento, como as revistas, espaços de disputa de hegemonia na defesa de uma direção teórica, ideológica e política para a profissão.

O Movimento de Reconceituação, marco incontestável na história do Serviço Social latino-americano, e as pulsões políticas que entrecortaram o período de 1960-1980 nos países estudados, só podem ser compreendidas no quadro das crises e transformações do capitalismo que marcaram o “breve século XX”, entrecortado por duas guerras mundiais, pelas agruras do fascismo e do nazismo, pela Guerra Fria, por sangrentas ditaduras militares, mas também por revoluções socialistas construídas no intenso processo de disputa da hegemonia no contexto mundial. Os prenúncios de mais uma crise orgânica do capital, já sinalizados no quadro conjuntural dos anos 1960, com o ocaso da “onda longa” de prosperidade vivida nos “trinta anos gloriosos” do capitalismo, desencadearam protestos, greves e manifestações ao redor do mundo, incluindo trabalhadores, estudantes, categorias específicas de negros, mulheres, imigrantes e grupos anti-imperialistas, tensionando a racionalidade do Estado burguês e as estruturas do mundo capitalista. O avanço das lutas das classes trabalhadoras no confronto à ordem burguesa, especialmente quanto à redução de direitos sociais e trabalhistas, é bloqueado pelas estratégias políticas articuladas pelo capital monopolista no enfrentamento à crise global que adentrava a década de 1970. O conjunto de medidas econômicas, sociais, políticas e culturais repercutiu sobre Estados e nações, com consequências deletérias nas conquistas dos trabalhadores. Thatcher na Grã-Bretanha, Reagan nos Estados Unidos e Pinochet no Chile comprometeram-se com a economia do *laissez-faire*, com a drástica redução das funções democráticas e coesivas do Estado, com a privatização em larga escala de bens e serviços públicos e com a expansão de sua presença na garantia da concentração do capital, especialmente o financeiro.

É nesse cenário de profundas mudanças em nível mundial, de efervescência das lutas sociais, das tensões pulsantes na prática política e na vida científica e cultural, que eclode o Movimento de Reconceitualização em *Nuestra América*, impulsionando o Serviço Social ao questionamento do tradicionalismo e do conservadorismo impregnados na profissão, de seus pressupostos teóricos e ideopolíticos, de sua direção social e práticas profissionais. Ao mesmo tempo, colocavam-se em xeque as engrenagens exploradoras do imperialismo estadunidense, gerador das condições históricas de nosso capitalismo dependente, conforme revelam os valiosos e relevantes contributos apresentados neste volume.

Dos anos 1980 aos dias atuais, fatos marcantes e dolorosos, como o fim das experiências socialistas na União Soviética e na Europa Oriental, somados ao aprofundamento do processo de reestruturação produtiva e aos ataques contínuos à desconstrução dos sistemas de proteção social universalistas europeus, especialmente a partir de 2008, redimensionaram a luta de classes, ampliando o domínio do capital em face à sua crise estrutural. Alicerçada nas lógicas neoliberais e sob a hegemonia financeira, a ofensiva capitalista entre os séculos XX e XXI vem aprofundando suas estratégias perversas contra a classe trabalhadora, afetando não somente suas condições de reprodução material, como também as demais esferas da vida social. Agravaram-se as formas de exploração da força de trabalho com o aumento do trabalho precarizado, aniquilaram-se empregos, mercantilizaram-se as políticas sociais, reduziram-se as funções democrático-sociais do Estado, acentuando-se sua face policial e coercitiva e seu contumaz apoio ao processo de acumulação capitalista. Nos anos 2000, ainda que em um contexto de correlação de forças desfavorável, as classes subalternas não arrefeceram suas lutas, com explosões sociais, manifestações e greves em inúmeros países, ao Norte e ao Sul do mundo. No coração do imperialismo, irrompe o grito das massas populares contra a profunda desigualdade e discriminação, nos vultosos protestos antirracistas, mesmo

sob a força policialesca e repressiva do governo ultraconservador de Donald Trump. O agravamento da crise orgânica do capital, exponenciada pela crise sanitária global, escancara o esgotamento do modelo vigente de sociedade, forjando frentes de resistência acerca de questões cruciais que afetam toda a humanidade, como trabalho, meio ambiente, questões étnico-raciais e de gênero e migrações, cujas respostas se reduzem a políticas elitistas e excludentes, sob os auspícios das contrarreformas ultraliberais.

No Brasil, assim como em diversos países, está em curso o avanço da extrema-direita com pulsões neofascistas, instaurando um terreno propício ao irracionalismo, ao obscurantismo e aos golpes à democracia. O recrudescimento da ofensiva burguesa e a radicalização de sua agenda neoliberal conservadora convocam ao repensar do campo de lutas da classe trabalhadora, através de seus institutos coletivos, nos campos sindical, partidário e de outros movimentos, mesmo em uma conjuntura de desigual correlação de forças. Neste contexto de crise econômica e política, o Serviço Social e as universidades não podem se furtar à realização de uma radical crítica a essa realidade de brutal miserabilidade e obscena desigualdade social. Urge ao Serviço Social imbuir-se de audácia intelectual, aliar-se às lutas dos “de baixo” e, conforme as pertinentes e propositivas indicações no Epílogo de Elaine Behring, potencializar as “armas da crítica” com sólidos fundamentos teóricos, necessários para decifrar a realidade e qualificar as ações profissionais, como também para defender projetos propulsores de transformações sociais para além da ordem do capital. Frente a este cenário avassalador, a neutralidade teórica, ética e política é inaceitável.

Não podemos olvidar as lições germinadas pelo Movimento de Reconceituação, que impulsionaram os profissionais a se posicionar, a “tomar partido” nos duros tempos ditatoriais, de cerceamento de liberdades, de repressão e de tortura. O pensamento crítico germinado naquela quadra deslinda sua atualidade, segue provocando o necessário e constante repensar da profissão, conforme revelam

os densos e instigantes registros aqui apresentados. Neste momento histórico de agudização das expressões da questão social, de expansão do conservadorismo e do reacionarismo, de questionamento do marxismo e de outras perspectivas críticas, esta coletânea descortina novos e instigantes caminhos para trocas e confluências internacionais ante os desafios postos ao Serviço Social nesta época marcada pelo inigualável retrocesso das conquistas civilizatórias da modernidade.

Assim, a obra que temos em mãos revela sua *virtú* e certamente terá grande *fortuna* na potencialização das perspectivas de intercâmbio e articulação do Serviço Social nos vários continentes, em suas dimensões teórico-metodológica e prático-política. Evidencia que a história é um processo em aberto, em permanente tensão, de continuidades e rupturas, um constante desafio a renovar-se. Além de preencher uma lacuna nas produções acerca das trajetórias da profissão em nível mundial, representa, incontestavelmente, uma contribuição ímpar ao adensamento dos estudos no campo dos fundamentos do Serviço Social, em sua perspectiva histórica e teórico-crítica, um documento a ser lido e relido por assistentes sociais, docentes e discentes, nas diferentes latitudes. Seu mérito e sua relevância expressam-se na impecável síntese de Yamamoto, Raichelis e Bravo, no capítulo VIII:

[...] oxigenar o debate e soldar laços de fraternidade entre os povos, na diversidade de suas culturas e de sua formação, tanto para alimentar avanços do Serviço Social brasileiro — e, mais amplamente, do Serviço Social latino-americano — quanto para partilhar as experiências aqui acumuladas, passíveis de contribuir também ao enriquecimento de outros universos do Serviço Social no cenário mundial.

Cabe registrar, finalmente, a magnitude deste trabalho de pesquisa, resultado da exemplar capacidade das organizadoras na tarefa política de articulação e de interlocução internacional, contribuindo

para ampliar a “tradutibilidade” do Serviço Social, de suas linguagens científicas, filosóficas e prático-políticas, próprias de cada contexto nacional, mas também de correspondência e unidade com a cultura das diversas formações histórico-sociais. A difusão pública dos resultados da pesquisa evidencia o compromisso ético-político e acadêmico voltado a “democratizar” e impulsionar o diálogo acerca das inquietações do Serviço Social, “recriar a práxis”, compartilhar conhecimentos, experiências e práticas profissionais comprometidas com a construção de uma nova sociabilidade. Uma obra que nos põe em contato com o passado e com o presente torna-se leitura obrigatória porque nos convoca, ao mesmo tempo, a pensar o horizonte desafiador do futuro.

Ivete Simionatto
Florianópolis, outubro 2020.



INTRODUÇÃO

O objeto da investigação é inseparável da história que o produz

Florestan Fernandes

Este livro é fruto de quatro anos da pesquisa *O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, interlocuções internacionais e memória (1960-1980)*¹. Ela aborda o referido movimento na América Latina, bem como seus desdobramentos contestatórios ao conservadorismo no universo profissional de que faz parte. Simultaneamente realiza interlocução da reconceituação do Serviço Social latino-americano com iniciativas similares ocorridas na

1. Esta pesquisa foi alocada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Centro de Estudos Octávio Ianni (CEOI), núcleo de estudos: Estado, Classes trabalhadoras e Serviço Social (NECLATSS); e na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no núcleo de pesquisa: Serviço Social, Movimentos Sociais e Políticas Públicas. A pesquisa desenvolve-se sob a coordenação das Profas. Dras. Marilda Villela Yamamoto e Cláudia Mônica dos Santos (IAMAMOTO *et al.*, 2016). Ela contou com os seguintes apoios: do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (processo nº 421744/2016-2); do Ministério da Ciência e Tecnologia; da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), por meio dos Programas de Pós-Graduação integrantes da pesquisa; e com verba do Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP-CAPES), Processo nº 88881.289531/201801, para organização do IV Simpósio Internacional de Pesquisadores/as, ocorrido em 2019, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Europa ibero-americana (Portugal e Espanha), no Reino Unido e na América do Norte (EUA): tanto aquelas que dele sofreram alguma influência quanto expressões de iniciativas exógenas contemporâneas, como o Serviço Social Radical de raiz anglo-saxônica e/ou norte-americana. O interesse recai sobre os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social, e sobre as experiências de formação universitária e de pesquisa, exemplares nessa área, identificando suas incidências no exercício profissional.

Três motivos caros aos/às pesquisadores/as justificam esta publicação. O primeiro, a exigência desta pesquisa de cumprir sua função social, com a difusão pública de seus resultados. O segundo, o fato de essa difusão democratizar o debate crítico sobre os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. Por último, a relevância do tema, expressão de resistência ao conservadorismo no universo do Serviço Social ante a conjuntura mundial hodierna de crise econômica e política do capital enfrentada mediante políticas elitistas e excludentes de contrarreformas ultraliberais, agravada pela crise sanitária.

A crise financeira desencadeada na Europa, impulsionada pela falência do Banco Lehman em 2008, expande-se na zona do euro e no circuito mundial. Para Chesnais (2001, 2013), no *substrato* da crise encontram-se a superacumulação de capacidades de produção especialmente elevada e a superprodução, às quais se alia uma acumulação de capital fictício sem precedentes, apoiado na superexploração dos trabalhadores e na face desumana das guerras impulsionadas por núcleos de poder mundial. Ativam-se a intolerância política e religiosa, os xenofobismos, os deslocamentos forçados de massas de população em busca de um lugar para sobreviver e a resistência aos imigrantes e aos refugiados políticos.

Em resposta à crise mundial, a política neoliberal de radical privatização de bens públicos e a mercantilização acelerada dos serviços sociais são praticadas em detrimento dos interesses e direitos da maioria, agravando a desigualdade e suas condições de vida. Na América

Latina, a disputa pelo fundo público, priorizado para o pagamento da dívida interna e externa, via *superavit* primário, bloqueia o desenvolvimento econômico com a sangria de recursos financeiros (IASI, 2019). Verifica-se o crescimento exponencial do desemprego, do emprego precário sem proteção e do subemprego. As riquezas naturais — das florestas, dos minérios, da água e do ar — subordinam-se à lógica da mercantilização e da reprodução ampliada do capital, comprometendo a qualidade de vida no planeta e as populações originárias, a exemplo da Amazônia brasileira na atualidade. Esse quadro histórico impulsiona resistências na defesa da vida e da humanidade de cada um e de todos os indivíduos sociais.

No Brasil, o alinhamento político-econômico do país ao governo ultraliberal dos Estados Unidos aprofunda a inserção subordinada e dependente à ordem do capital. O governo do presidente Jair Messias Bolsonaro reafirma o compromisso com as oligarquias financeiras e com o grande capital internacional. O reforço do braço repressivo do Estado, com forte presença das Forças Armadas no controle dos poderes da República, confronta preceitos constitucionais. Às reiteradas ameaças de ruptura da ordem constitucional e apologias à ditadura militar, somam-se o fundamentalismo religioso e obscurantista, o negacionismo da ciência, os irracionalismos. Ideologias e práticas com traços neofascistas (LÖWY, 2019) ameaçam a ordem pública constitucional. Elas afetam também a autonomia universitária e a docência, a liberdade de pesquisa, a razão crítica e a criação científica. Os cortes orçamentários em nome do equilíbrio fiscal comprometem o financiamento do conjunto das políticas públicas, pressionando a privatização dos serviços sociais enquanto nichos de investimento e acumulação do capital. Essa política resulta em ampla regressão de direitos conquistados, a exemplo do desmonte da seguridade social, fruto das contrarreformas trabalhista e previdenciária

Rever o passado para iluminar o presente, elucidando as constelações que ligam presente e passado, é um movimento heurístico fundamental para compreender tanto o passado recente quanto o

ineditismo das atuais condições históricas e para recriar a *práxis* de enfrentamento a esses tempos de regressão conservadora, contribuindo para formas de *resistência política*.

O Movimento de Reconceituação do Serviço Social (1965-1975) é *um marco na sua aproximação política e teórica com as lutas, organizações e movimentos sociais que portam a defesa dos direitos, interesses e projetos societários das classes subalternas, na década de sessenta do século XX*. Ele desencadeia inédita incorporação de concepções histórico-críticas no universo intelectual do Serviço Social; na afinidade eletiva entre o Serviço Social latino-americano e a vida, projetos e disputas coletivas de segmentos de trabalhadores, numa conjuntura de efervescência social na América Latina e no cenário mundial. *Esta é a angulação privilegiada de leitura da história latino-americana e do Serviço Social nesse universo, no contraponto à história oficial, que passa a ser a apreendida “pelo avesso”*.

Para Netto (1976, p. 85, grifos e tradução nossos), “o processo de reconceituação constituiu e constitui a etapa mais relevante da história do Serviço Social na América Latina”. Dele resulta a proposta de um Serviço Social comprometido com uma “América Latina solidária, independente e radicalmente democrática” (NETTO, 1976, p. 85, tradução nossa). Mas também marcam presença, no debate da época, tendências neoconservadoras e modernizadoras, em disputa pelos rumos do *Serviço Social na América Latina* (NETTO, 1976, 1992, 2005; FALEIROS, 2005; AQUÍN, 2005). Nessa disputa de caminhos históricos para o Serviço Social, indissociáveis de forças sociopolíticas que os acionam, *a angulação de análise do Serviço Social na presente pesquisa expressa a novidade do Movimento de Reconceituação do Serviço Social: suas entranhas histórico-críticas e de resistência ao instituído, presente desde seu nascedouro, nos seus desdobramentos e superação*.

Outra novidade desta pesquisa é *alargar a interlocução internacional do Serviço Social latino-americano com propostas teóricas e político-profissionais emergentes em outras latitudes, também insurgentes ao Serviço Social instituído*, em um amplo espectro. Essas experiências

contestatórias indicam *um processo de questionamentos*, calcado em forças sociais, políticas e orientações teóricas em disputa, que sinalizam dimensões da “erosão do Serviço Social tradicional” (NETTO, 1992) no período de 1960-1980. Aqui constam diálogos com o Serviço Social na Europa (Espanha, Portugal e Reino Unido) e com a América do Norte (EUA).

O lapso histórico temporal de ocorrência da Reconceituação é presidido pela ascensão e hegemonia do imperialismo estadunidense nas três *décadas de ouro do capital* (1945-1973), ao mesmo tempo que são acirradas contradições que surgem no seu seio e impulsionam a *crise estrutural do capital* (MÉSZÁROS, 2013; MANDEL, 1990). O avanço de forças de resistência ao nível mundial, a partir dos anos de 1960, desborda-se numa conjuntura internacional de contrarrevolução preventiva com agudas incidências na América Latina, seguida de medidas de ajuste e restauração das taxas de lucro, condensadas na expansão das finanças e no receituário neoliberal com experiência pioneira, na década de 1970, no Chile pós-golpe (1973).

Deslindar o Serviço Social na América Latina exige reconhecer seus *enigmas históricos*, “uma realidade geo-histórica, político-econômica e cultural complexa, heterogênea, contraditória e errática” (IANNI, 2009, p. 201) que cria, recria e esconde a barbárie. Na aproximação do Serviço Social aos dilemas de *Nuestra América* — explicitados a seguir — e na leitura de experiências de outros países, privilegia-se o *ponto de vista dos vencidos* na sua análise, no contraponto à visão oficial e linear da história apoiada na acumulação de capital como progresso e conquista. Essa perspectiva de leitura da história requer “escovar a história a contrapelo”, mediante sugestões de Walter Benjamin, ou a “história no sentido contrário”, sob a ótica dos “de baixo”, o que supõe o reconhecimento da luta de classes em suas dimensões materiais e espirituais (LÖWY, 2005): *a história pelo avesso*.

A seguir, apresentam-se os *fundamentos* que permitem a delimitação teórica do objeto de estudo em questão.

A centralidade da História e o Serviço Social

*A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
todo aquele que a negue.*

“Canción por la unidad latinoamericana”,
PABLO MILANÉS — versão de Chico Buarque (1978)

Este livro é fruto de um esforço coletivo de *pensar o Serviço Social historicamente*. Mas ele não tem qualquer pretensão de apresentar uma “história do Serviço Social na América Latina”, ou do Serviço Social europeu ou estadunidense, com os quais dialoga no período de 1960-1980. Privilegiar a historicidade do Serviço Social supõe apreendê-lo no seu movimento de vir-a-ser cotidiano, em seu permanente processo de transformação ante as mudanças históricas, e mediante o protagonismo dos “*trabajadores sociales*”. A angulação de análise aqui assumida reconhece que o Serviço Social transforma-se e nega-se no movimento da história para *re-nascer* novo e superior, ainda que permanecendo o mesmo. O esforço é, pois, de apreender o Serviço Social em permanente *movimento de superação*, no sentido hegeliano de *Aufhebung* — determinação fundamental que quer dizer, ao mesmo tempo, supressão, aniquilação e conservação².

O intuito é apreender a “história em processo, aberta ao vir a ser, acompanhando a dinamicidade da vida em sociedade no estreito vínculo com as forças sociais comprometidas com as lutas emancipatórias” (FERNANDES, 1983, p. 36). A busca é capturar os processos

2. “*Aufhebung* é um dos conceitos mais importantes do sistema hegeliano. Ao conter os sentidos de suprimir, guardar e elevar, ele permite designar um dos traços essenciais da proposta filosófica de Hegel, a saber, a instituição de um sistemático discurso em movimento. [...] Os sentidos de supressão, conservação e elevação estão assim presentes conjuntamente; negatividade, positividade e progresso são reunidos em um mesmo processo” (PERTILLO, 2013, p. 1).

sociais em suas prefigurações e em seu desenvolvimento — em suas *tendências*, o que requer investigação permanente que alimente a *correlata renovação constante da teoria, sempre aberta a novas questões, ao contrário da dogmática e da vulgata*. Essa perspectiva representa um *desafio permanente ao intelectual* e exige pesquisa no acompanhamento das conjunturas, da correlação de forças nelas presentes, da “questão social” e de suas incidências na vida dos indivíduos sociais. Esta é condição para se apreenderem as *tendências inscritas na realidade*, de modo que, capturadas pela razão crítica, possam ser acionadas por meio da *práxis*, segundo as prioridades da ação delineadas. Isso exige indissociável articulação entre teoria e prática social, entre desvelamento da realidade e identificação de estratégias para a ação extraídas da análise dessa mesma realidade, no contraponto aos “modelos instrumentais para a ação”, caros ao pragmatismo positivista.

A perspectiva histórico-crítica propõe-se a capturar as transformações presentes na sociedade capitalista — “as leis de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra” (MARX, 1985 [1867], p. 19); leis tendenciais (porquanto históricas), que se realizam por meio de *contratendências*, fruto da ação dos sujeitos por meio da prática coletiva. A vitalidade dessa *teoria da história decorre de seu movimento de permanente autocrítica e autossuperação, a partir de amplo e rigoroso diálogo* com o acervo intelectual de sua época e estreito vínculo com a organização e luta dos trabalhadores³.

Essa concepção de história parte de pressupostos reais, não arbitrários ou dogmáticos, dos quais não se pode abstrair, a não ser

3. A riqueza dessa tradição intelectual, inaugurada por Marx e Engels, também se revela no seu desenvolvimento e debate interno, com produções referenciais: a análise sobre o poder político com A. Gramsci, o debate sobre a ontologia do ser social e a estética com G. Lukács, a Escola de Frankfurt e o debate sobre a cultura, além de contribuições recentes como as de I. Mészáros, E. Hobsbawm, E. P. Thompson na leitura da história, e D. Harvey na geografia, Ernest Mandel no debate do capitalismo tardio, entre outros. Essas filiações teóricas diferenciadas, no âmbito dessa tradição intelectual, aguçam a análise da sociedade com ênfases diferenciadas, e estimulam o profícuo e bem-vindo debate no universo profissional.

na imaginação: “[s]ão os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas quanto aquelas que são produzidas por sua própria ação. Estes pressupostos são verificáveis por via puramente empírica” (MARX; ENGELS, 1977 [1932], p. 26).

A história enquanto “ciência magna” tem no seu cerne as relações sociais de produção e reprodução, ou o processo de (re)produção das relações sociais. A conexão entre estrutura social e política e produção é apreendida sob a ótica da *totalidade*:

[a] estrutura social e o Estado nascem constantemente do processo de vida dos indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem aparecer na imaginação, própria ou alheia, mas e como *realmente* são, isto é, tal como atuam e produzem materialmente, e, portanto tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de sua vontade. A produção de ideias, de representações, da consciência está, de início diretamente entrelaçada com a atividade material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercambio espiritual dos homens aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material (MARX; ENGELS, 1977 [1932], p. 36).

Capitalistas e trabalhadores, enquanto personificação de relações econômicas, são sujeitos sociais, representantes de classes⁴. Como o capital é uma *relação social* — típica da produção/reprodução capitalista dos meios de vida e de trabalho —, inclui necessária e contraditoriamente *os trabalhadores*, enquanto agentes produtivos no processo de produção de valor e mais-valia, ou seja, da riqueza social. A análise das contradições sociais, indissociáveis desse processo, torna possível

4. Para Engels (1983 [1893], p. 465), o histórico “designa simplesmente todo o âmbito político, jurídico, filosófico, teológico, em suma, todos os setores que pertencem à sociedade e não apenas à natureza”.

apreender “as condições de produção dos acontecimentos históricos” e ver o que está neles contido e é escondido: “virar a história pelo avesso” (FERNANDES, 1983, p. 63).

A proposta de abarcar a profissão de Serviço Social no seu vir a ser condiciona a delimitação do objeto de estudo: a reconceitualização do Serviço Social na América Latina e seus *desdobramentos* — com a respectiva ampliação do lapso temporal considerado (1960-1980), abarcando seus determinantes históricos, sua memória e suas interlocuções internacionais⁵. Esta última dimensão levou ao alargamento territorial do estudo para além da América Latina, numa fértil e rica incorporação da dimensão de universalidade do Serviço Social, considerando iniciativas contestatórias presentes em países da Europa ibero-americana, do Reino Unido e nos EUA, sem descurar de suas particularidades nacionais e/ou regionais.

Nesta pesquisa, considera-se a profissão de Serviço Social inscrita na divisão social e técnica do trabalho e determinada pelas tensões entre as classes que lhe atribuem uma dimensão contraditória: o exercício profissional necessariamente atende a interesses socialmente antagônicos em tensão, sejam eles do patronato, do Estado, sejam de segmentos de trabalhadores, alvo dos serviços de assistente sociais (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982, p. 20). A profissão “só existe em condições e relações sociais historicamente determinadas” (p. 20) e tais “condições que peculiarizam o exercício profissional são a concretização da dinâmica das relações sociais vigentes na sociedade em determinadas conjunturas históricas” (p. 81).

Assim, o exercício profissional: “[...] responde tanto a demandas do capital como do trabalho e só pode fortalecer um ou outro polo pela mediação de seu oposto. Participa tanto dos mecanismos de dominação

5. Há consenso em afirmar, na historiografia do Serviço Social, que o Movimento de Reconceitualização na América Latina é geograficamente definido e historicamente datado: 1965-1975. Entretanto, como a intenção era abranger suas particularidades, antecedentes, expressões e desdobramentos, assumidos nos países latino-americanos considerados, além de interlocuções com países europeus e do norte da América, o período a ser estudado foi alargado para 1960-1980.